

Tapeçaria (de *tapeçar*), s. f. Estofa tecido, lavrado ou bordado com que se forram paredes, moveis, etc.; alcatifa, tapete. | fig. As flôres e a relva dos prados.

— ENCYCL. Bel. art. A *tapeçaria* é uma arte absolutamente sumptuaria. Desde a mais alta antiguidade que se

sabia, pela combinação de fios de diversas côres, produzir tecidos que imitavam a pintura. Os babilônios e os assyrios decoravam os templos dos deuses e os palacios dos reis com *tapeçarias* tecidas com ouro e prata. Os medos, os persas, os phenicios e muitos outros povos do Oriente foram celebres pela sua habilidade em fabricar tecidos com ricos desenhos e côres brilhantes.

Desde os primeiros seculos da Edade média que vêm, além dos estofos bordados, *tapeçarias* empregadas na decoração nalgumas egrejas, especialmente na abadia de S. Diniz em França. Pelo anno de 985, foi installada uma verdadeira maanufactura de *tapeçarias* no mosteiro de S. Florencio de Saumur, e depois as cidades de Poitiers, Reims, Troyes, Beauvais, Aubusson, Felletin, etc., adquiriram renome na arte pelas *tapeçarias* que produziram.

No seculo XI, os tecelões de Inglaterra tornaram-se tambem celebres na arte, pela sua habilidade e bom gosto. A *tapeçaria* de Bayeux, chamada da *rainha Mathilde*, esposa de Guilherme o Conquistador, é a mais antiga obra de este genero que chegou até nós.

No seculo XII, depois do regresso dos cruzados, o uso das *tapeçarias* propagou-se e introduziu-se nos castellos. Nos seculos XIII e XIV, as *tapeçarias* tornaram-se os principaes ornamentos de todas as grandes festas reaes e senhorias: nas praças publicas, nos campos, no recinto dos torneios. De resto, isto explica as mudanças profundas que sobrevieram a esta arte: ás composições religiosas que dominavam até entã, juntou-se o elemento profano; o desenho aproximou-se da natureza; as côres suaves dêram logar ás côres brilhantes.

Foi tambem no seculo XIV que as maanufacturas de *tapeçarias* de Flandres, já afamadas no seculo VII, tomaram um grande desenvolvimento. A egreja de La Chaise-Dieu

no Alto-Loire, possui *tapeçarias* que se pretende terem sido fabricadas em Arras no seculo XIV, conforme os desenhos do pintor florentino Taddeo Gaddi. Mas foi sobretudo no seculo XV que as *tapeçarias* de Flandres e da Flandres septentrional, especialmente, tomaram o seu maior desenvolvimento e chegaram à perfeição. Foi tal o exito que obtiveram na Italia as *tapeçarias* de Arras, que deram naquelle paiz o nome de *arazzi* a todas as obras de este genero provenientes de uma fabrica qualquer de Flandres. Os *arazzi* executados para o Vaticano conforme os desenhos de Raphael são justamente celebres.

A Italia seguiu o exemplo dado pela França, e o grão-duque Cosme de Medicis criou em Florença mesmo uma maanufactura que não tardou a produzir *tapeçarias* de arte. O duque Frederico em Mantua, e o duque Francisco Maria em Urbino, estabeleceram tambem fabricas de *arazzi*. Finalmente, Veneza possuia officinas em que se fabricavam tapetes trabalhados com sêda e ouro.

Na Inglaterra, a arte das *tapeçarias* de alto liço foi importada por Guilherme Sheldon pelos fins do reinado de Henrique VIII. O rei Jayme I fundou em Mortlake, no condado de Surrey em 1619, uma maanufactura cuja direcção confiou a Sir Francisco Crane, e a inspecção dos trabalhos ao pintor Cleen de Rostock.

Uma das mais famosas collecções de *tapeçarias* feitas em Mortlake foi a dos Actos dos Apostolos desenhados por Raphael para o papa Leão X. Os desenhos originaes foram empregados em Mortlake, tendo sido adquiridos para esse fim por Carlos I, inspirado por Rubens. Sete de esses desenhos estão hoje em South Kensington. Apesar da soberba collecção de *tapeçarias* pertencente a Carlos I ter sido vendida pelo governo da Republica nos annos de 1649-1653, alguns esforços se fizeram para conservar as officinas de Mort-

lake em laburação. Mas pelo anno de 1703 a industria desapareceu. Em 1876 sob o patrocínio da rainha Victoria deu-se um renascimento dos trabalhos da *tapeçaria* (Royal Windsor Tapestry Works) mas não se pôde manter.

Na Exposição de Paris de 1900 foram apresentadas seis *tapeçarias* desenhadas por Burne-Jones e tecidas em Merton (Inglaterra), sendo o assumpto tratado o Santo Gral. Foram as unicas *tapeçarias* não francezas que receberam o Grand Prix.

Conforme o que nos ensina Pedro du Pont, mestre de *tapeçarias* de Henrique IV, numa pequena mas curiosa collecção publicada em 1632 sob o titulo *Stromaturgia*, os mais antigos artistas em *tapeçaria* tinham em França o nome de *sarrazinois*. Francisco I fez ir de Flandres e da Italia alguns mestres de *tapeçarias*, e estabeleceu em Fontainebleau uma fabrica de *tapeçarias* de alto liço sob a direcção de Felisberto Babou, senhor de la Bourdaisière, superintendente dos edificios reaes, e de Sebastião Serlio, seu pintor ordinario. Por numerosas encomendas, soube animar as fabricas de Paris e mesmo as de Flandres. Henrique II conservou o estabelecimento fundado em Fontainebleau, e confiou a sua direcção geral a Felisberto Delorme, superintendente dos edificios reaes e seu



Combate dos hebreus e dos amalecitas (Gobelins)

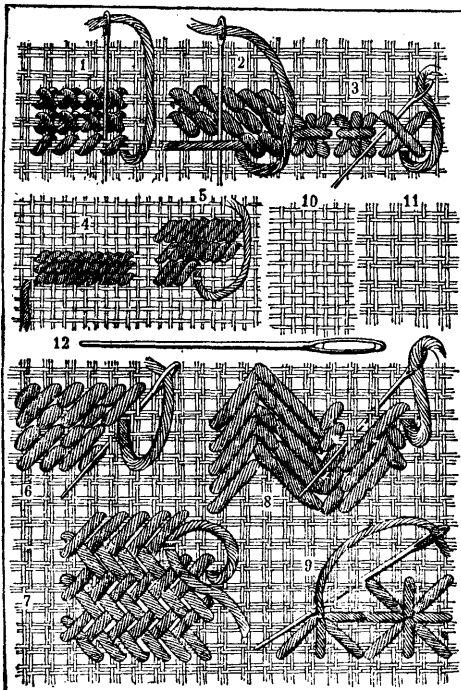
architecto ordinario; criou tambem no hospital da Trindade, em Paris, uma fabrica de tapeçarias que, em virtude da concessão de diversos privilegios, chegou rapidamente a uma grande prosperidade. Em 1597 foram installadas tapeçarias de alto liço por Henrique IV na ex-casa professa dos jesuitas (actualmente Lyceu Carlos Magno), na rua de Santo Antonio.

Mais tarde o estabelecimento foi transferido para as galerias do Louvre. Henrique IV mandou de Flandres approximadamente 200 operarios de tapeçarias, e installou-os primeiramente nalgumas dependencias, ainda de pé, do palacio Tournelles, de onde sahiram em seguida para irem para o bairro de S. Germano. Luiz XIII concedeu a Pedro du Pont e a Simão Lourdet «o fabrico e manufactura de todas as especies de tapetes, e outras obras do Levante, em ouro, prata, sêda e lã», sob a condição de que «em todas as cidades do reino em que se estabelecessem, seriam obrigados a instruir na sua arte um certo numero de meninos pobres a elles confiados pelos administradores de hospitaes». O numero de estes meninos foi fixado em 100 para a cidade de Paris, e o local destinado à nova manufactura foi a casa da Saboaria perto de Chaillot. Luiz XIV entregou, em 1663, a direcção artistica de este estabelecimento ao pintor Carlos Le Brun. Do reinado de este principe datam a reorganisação das antigas fabricas de Felletin e de Aubusson, e a fundação das celebres manufacturas de tapeçarias de Beauvais (1664) e dos Gobelins (1667). A manufactura de Beauvais tratou especialmente assumptos de natureza morta.

Tech. Distinguem-se três generos de tapeçaria bem diferentes: a *tapeçaria de alto liço*, a de *baixo liço* e a *tapeçaria de agulha*.

A *tapeçaria de agulha* é um dos mais bonitos trabalhos de senhoras, e uma das suas occupações preferidas.

A *tapeçaria de agulha* faz-se em *talagarça unida* (fig. 10), tecida com fios simples, e em *talagarça Penelope* (fig. 11), em que os fios estão reunidos dois a dois. Os pontos de tapeçaria devem cobrir completamente a



Hungria, (fig. 7), *ponto de pyramide* (fig. 8), etc.

O pequeno ponto e o ponto dos Gobelins, fazem-se em *talagarça unida*. Os outros pontos fazem-se de preferencia em *talagarça Penelope*.

As obras de tapeçaria executam-se estendidas num tear ou à mão, sem tear; mas é preferivel servirmo-nos do tear, para evitar que a tapeçaria se deforme. As *agulhas de tapeçaria* são especies sem ponta, muito resistentes e compridas (fig. 12).

A tapeçaria faz-se especialmente com lã, e para obras ricas com sêda.

A tapeçaria faz-se umas vezes com *pontos contados*, isto é, seguindo um modelo e transportando para a talagarça successivamente, depois de os ter contado, os pontos das diversas côres, para os reproduzir exactamente; ou ainda seguindo na talagarça um traçado representando os desenhos da tapeçaria futura, para onde foram transportadas todas as côres da lã a empregar, graças a um exacto colorido.

talagarça, e, si a obra estiver bem feita, o tecido será invisivel.

A tapeçaria de agulha comprehende um grande numero de pontos; eis aqui os nomes dos principaes: *ponto de cruz* ou *porto de marca* (fig. 1); *meio ponto de cruz*, com ou sem fio lançado (fig. 2); *ponto do diabo* (fig. 3 e 9); *pequeno ponto* (fig. 4); *ponto dos Gobelins* (fig. 5), depois os *pontos de phantasia*: *ponto de*